



XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS 11 a 13 de outubro de 2022

“Crise do capital e exploração do trabalho em momentos pandêmicos: Repercussão no Serviço Social, no Brasil e na América Latina”

Autores: Rosangela Araujo Almeida ¹

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA POR MEIO DA ESCRIVIVÊNCIA: UM MOVIMENTO NECESSÁRIO PARA O COMBATE AO RACISMO INSTITUCIONAL

Resumo

Este estudo apresenta um relato de experiência por meio do método da escrevivência. Um testemunho da própria autora, que viveu o racismo institucional como servidora pública dentro do espaço ocupacional. A autora apresenta, através da sua história, situações de uma ideologia eurocentrista que tende deixar os corpos negros racializados como uma lógica de manutenção da operação do sistema capitalista.

Abstrat

This study presents an experience report using the writing method. A testimony of the author herself who lived institutional racism as a public servant within the occupational space. Through her history, the author presents situations of a Eurocentric ideology that tends to leave black bodies racialized as a logic of maintaining the operation of the capitalist system.

Palavras-chave: escrevivência, racismo institucional, racialização, discriminação, serviço público

¹ Secretaria Municipal De Cultura

Introdução

Por que eu escrevo?

Por que tenho que

Porque minha voz em todas suas dialéticas

Foi silenciada por muito tempo (Jacob Sam-La Rose, 2019)

Este estudo pretende apresentar um relato de experiência por meio do método da escrevivência. Um testemunho da própria autora, eu, uma mulher, negra, da periferia da zona norte de São Paulo, filha de nordestinos analfabetos, migrantes do Estado da Bahia com ancestralidade indígena e de etnia negra.

Neste trabalho, pretende-se descrever como o racismo institucional permeava as relações ocupacionais ao qual, eu e outras mulheres negras estávamos inseridas dentro da maior Prefeitura da cidade de São Paulo, no cotidiano de trabalho da Secretaria Municipal de Assistência Desenvolvimento Social (SMADS).

Metodologia

O relato de experiência também é parte do estudo que pretendo realizar na dissertação de mestrado, que vai tratar do racismo institucional e demonstrar como ele alcança uma capilaridade nas relações interpessoais e de trabalho, trazendo à tona a naturalização, a normalidade e a banalização do racismo evidenciando os privilégios do conjunto dos trabalhadores brancos sobre as trabalhadoras negras. Serão aspectos, na grande maioria, subjetivos, mas traduz e identifica as discriminações e preconceitos instalados no cotidiano de trabalho e como o racismo institucional transformou-se em modus operandi na prefeitura baseado em filosofias eurocentristas.

É uma proposta ousada, utilizar do método da escrevivência construído pela escritora negra Conceição Evaristo, entretanto, fundamenta-se também na epistemologia teórica e metodológica para descrever e investigar situações que aparentemente não são ditas e compreendidas como vivências discriminatórias, no entanto, não se pretende apenas contar histórias e reviver experiências, mas de alguma forma, denunciar a perpetuação do racismo em modelos considerados normativos.

A escrevivência é um método dolorido para qualquer pessoa que reconhece o racismo estrutural como um determinante da desigualdade social que assola nosso país. Através da história real e inédita, é possível descrever o cotidiano dos negros sem fantasias, sem máscaras, e a sensação de que vivemos em um local que há respeito pelas diferenças. A nossa história negra, e a minha história negra, revelam a falsa tese da democracia racial, e vai possibilitar reflexões importantes sobre esse lugar que é a sobrevivência dos povos racializados. No livro *Escrevivência: A escrita de nós*, no artigo da autora Livia Natália:

A noção de escrevivência alarga a noção de escrita e examina criticamente a estrutura de ensino, que “ensinou que a melhor forma

de produzir conhecimento era afastarmo-nos das nossas experiências pessoais, e do lugar de fala em primeira pessoa, em favor de uma pretensa objetividade científica". E complementa: "Por isso, defendo que os nossos textos acadêmicos sejam, sim, eivados de nossas escrituras, de nossas travessias e que estas possam nos servir como instrumento e análise" (p.16).

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Chego queimando, incendiando
No meu comando sou eu quem mando...
Eu que defino o meu lugar
Onde vou chegar, eu vou prosperar
Nunca foi sorte
Pra conquistar tive que lutar
E não vou parar
(Só quem 'tava lá) entende do que eu digo
(Sei quem 'tava lá) e vai subir comigo
Rodeada de amigos não corro perigo
Eu já posso ver meu futuro é lindo...(Negra Lii)

Hoje, eu escrevo como forma de cura. Desde quando descobri que as violências de trabalho estavam relacionadas ao racismo estrutural e institucional, não sinto mais que levo a vida do jeito que sempre vivi. Descobrir-me negra mudou toda a minha condição de existência neste mundo. Ouso dizer que contar esta história é necessário para que possamos mantermos engajados em ser resistência a todos os regimes de opressão.

Ser uma mulher negra, concursada, aprovada na prefeitura já significa, logo na sua entrada contratual, um momento de grande comemoração, porque traduz a superação que foi ultrapassar todas as barreiras discriminatórias das mulheres negras que passaram por formações educacionais.

Lembro que estudava no primário em uma escola religiosa católica, onde somente eu, e a filha da faxineira da escola éramos as alunas negras da sala. Nós éramos muito amigas, e só fui descobrir porque, depois de adulta, quando percebi que não fiz mais amizades porque, possivelmente, eu não era igual aos outros. Lembro, também, que havia, em junho, uma corrida para vendas de cartelas de sorteios para ajudar na arrecadação da festa junina. Meu pai ajudava a oferece-las na feira, local onde ele trabalhava, porque isso significava ter a oportunidade de ser a miss caipirinha. Era meu sonho. E eu sempre consegui ser a maior vendedora de cartelas. Mas mesmo diante de tanto empenho, eu nunca tive a oportunidade de subir ao pódio, porque a venda classificava você para concorrer a ser miss, mas quem escolhia a vencedora era a classe branca. E, nos quatro anos que seguiram, a ganhadora era sempre a mesma aluna branca, loira de olhos verdes e que eu nunca tive nenhuma aproximação de amizade.

As mulheres negras geralmente têm sua primeira experiência significativa racista no ambiente escolar. E a professora Márcia Campos Eurico explica que o modo como as famílias se organizam pode incidir na perpetuação de costumes racistas:

O modo como cada família se organiza, como interage no âmbito das relações domésticas, nos espaços públicos de sociabilidade, seja na esfera micro ou macrossocial, imprime dada identidade a este coletivo. Se a referência para sua formação e desenvolvimento for o sistema patriarcal, eurocêntrico, cristão e heteronormativo, processos reiterados de produção da desigualdade baseada na classe social, no machismo, no sexismo e na lesbotransfobia incidem sobre o grupo familiar. Desse modo, precisam ser desvelados para que a transformação das relações sociais possa ocorrer neste espaço e possa reverberar nas atitudes e nos posicionamentos das crianças diante de situações violentas (p. 01).

Para mim, uma mulher negra, periférica de quase meia idade, foi muito difícil chegar até a universidade novamente. Sou a primeira mulher da família Araujo e Almeida a frequentar um curso universitário. Até então, poderíamos supor que sou uma pessoa buscando conhecimento e superando às condições culturais da minha família. No entanto, investigando a fundo minha trajetória, após ser acometida por uma síndrome de burnout, entendi que minha busca por conhecimento tinha muito haver com a tentativa de ser vista pela sociedade como uma pessoa capaz e, portanto, com grandes chances de superar o racismo.

Eu me comparava às outras pessoas e desejava ser como elas: reconhecida, valorizada e sucedida diante da dedicação e profissionalismo. Porém, eu não compreendia, porque, por mais que eu me dedicasse ao conhecimento, eu não era validada ou creditada, ao contrário, fui ganhando na vida profissional, títulos desestimuladores como pretenciosa, arrogante e soberba. Não me ocorria, até agora, que pelo simples fato de não ser branca isso fazia toda a diferença para eu ser aceita no meu ciclo de convívio no trabalho.

A partir do momento que eu passo a vivenciar no cotidiano do trabalho algumas violências, como o apagamento das ideias, a tentativa de silenciamento diante dos argumentos técnicos, e a desqualificação da execução das tarefas, eu começo a me questionar: mas o que tem de errado comigo? Por que eu me sinto estranha em relação às outras pessoas e por que estou sempre colocada à prova sobre minha competência?

Busquei sempre, o tempo todo, ser uma profissional aceita. Precisei fazer o dobro dos esforços de um trabalhador branco para conseguir ser notada como alguém competente e eficiente. E neste sentido, foi o cenário perfeito para a instalação das perversidades, porque finge-se que o trabalhador não é notado para que o lugar de notoriedade não seja o seu espaço de pertencimento. Desta forma, não importa o quanto este trabalhador se esforce, ou se qualifique ela dificilmente será reconhecida ou valorizada.

Após me aproximar das principais literaturas de autores negros e negras, e fazer parte de coletivos que discutem a questão étnica de classe, raça e gênero, foi possível entender, como num tipo de revelação, e constatar que o fato de ser uma mulher preta me marca para sempre em qualquer lugar que eu for, em qualquer lugar que eu estar. Ou seja,

para as mulheres negras, as instituições serão locais de grandes barreiras, porque as pessoas negras precisarão sempre provar que são eficientes e merece estar ali.

Os caminhos para me entender negra e as implicações da racialização na minha vida como percepção do que está acontecendo é muito recente. Até então, eu estava sobrevivendo em um mundo onde eu percebia as diferenças, o preconceito, mas naturalizava esta situação como algo corriqueiro, comum, banal.

À medida que a opressão tomava conta da minha vida funcional, eu automaticamente, também resgatava a minha história infantil e de juventude, reconhecendo que aquelas situações não eram desconhecidas. Ou seja, sentir-se humilhada, silenciada, apagada, não ouvida, não importante, frustrada, desvalorizada, não incluída sempre foram sentimentos reconhecidos por mim. Sentimentos parecidos com a época da escravidão, onde temos as descrições de mulheres escravas que aceitavam e sujeitavam sem questionar, sem reivindicar ser tratada que nem gente.

Após conhecer a obra do psiquiatra e militante Frantz Fanon, eu consegui perceber, através de uma live sobre suas obras, o que é ser negro no mundo. E de forma muito elucidadora, o professor Faustino (2015, p.71) explorou em sua tese de doutorado “Por que Fanon? Por que agora?": Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil sobre a racialização:

O problema para o negro é que essas representações reciprocamente racializadas estão ligadas a uma hierarquia que confere ao branco a posição de privilégio e comando. Mais do que isso, já que o branco é tido como expressão universal do humano, a brancura se torna o único caminho para o ser. Devido a isso, o negro se vê diante de um duplo problema: de um lado, como resposta à pressão externa, busca organizar o seu esquema corporal, linguístico e simbólico sob os parâmetros da brancura. Fanon alerta para a inviabilidade dessa primeira alternativa, já que os privilégios que lhe deram origem necessitam manter a diferenciação racializada entre eu e o Outro, de forma que as máscaras brancas utilizadas pelo outro sirvam para atestar o seu status de macaco, mas jamais para igualá-lo entre aqueles que estão no poder. Como afirma: “Para que haja moral é preciso que desapareça da consciência o negro, o obscuro, o preto. Então, o preto, em todos os momentos, combate a própria imagem” (FANON, 2008: 163). Do outro lado, já que o self é produzido na relação (no caso mencionado, racializada), mas principalmente porque o colonizador detém os meios de manipulação das representações, o negro passa a ver o mundo e a si próprio com o olhar fornecido por seu algoz e, concordando, por isso, com todas as prerrogativas que lhe conferem o status de animal, assumindo a culpa por ser o “fardo do homem branco”.

Ou seja, a realidade experienciada do racismo, em algum momento das nossas vidas, explodem, escancarando todas as discriminações que já fomos submetidos, não sendo mais possível viver aceitando a perpetuação de tantas perversidades.

Quando busco, através do sindicato da minha categoria, discutir as condições de trabalho, encontro, de forma significativa, as opressões e violências vividas pelas trabalhadoras sociais em seus espaços ocupacionais e me deparo com a cor delas, ou seja, predominantemente corpos negros.

A partir dessas histórias, começo observar, e com algumas, compartilhar, como nós, mulheres negras, somos tratadas por outros colegas de trabalho e principalmente, por nossas chefias, sendo assim, nesta troca, foi possível constatar que se tratava de racismo.

Nessas conversas e aproximações foram reveladas que, na relação de trabalho, é comum se opor repetidamente às decisões das trabalhadoras negras; avaliar injustamente seu desempenho ou enxergar falhas menores; desqualificar tornando-se assim alvo fácil de reclamações; retirar atividades que costumam realizar ou atividades que elas possam ficar em evidência; evita-se ouvir ou recebê-las para conversar; ignorar ou interrompe-las; fazer piadas ou comentários em relação a cor; o jeito de vestir; de usar o cabelo; e termos racistas como: 'moreninha', 'não sou sua nega'; 'denegrir', 'a coisa tá preta'; 'nuvem negra', 'inveja branca', 'dia de branco', "neguinho tá fazendo errado" e outros termos do racismo recreativo.

Essas pequenas atitudes cotidianas, que parecem brincadeiras, um jeito descontraído de conversar, de falar, vão alimentando a caracterização do que ser branco é, do que é ser negro, e vai produzindo uma falsa ideia natural de conviver entre "os iguais". Porém, entendemos que a soma dessas caricaturas vai constituindo a racialização que determina quem tem poder e quem é subalterno, no caso, os corpos negros. O escritor e doutor professor em direito, Adilson Moreira, em recente entrevista à BBC News Brasil, explica um dos elementos do racismo recreativo:

O humor racista é uma forma com que pessoas brancas e instituições controladas por pessoas brancas expressam condescendência e ódio por minorias raciais, para reproduzir a ideia de que só pessoas brancas podem atuar de forma competente no espaço público.

Através das conversas junto às servidoras negras, foi possível identificar como todas sentiam-se adoecidas por conta do acúmulo das diferenças de tratamento dentro das equipes e sobretudo, com as chefias: Foi possível identificar, inclusive, sintomas similares de desgastes físicos e de saúde mental parecidos, tais como ansiedade, depressão, estresse, fadiga, tristeza, desânimo, esgotamento, alergias, problemas de estômago, dores musculares, dores de cabeça, ou seja, enfermidades e fragilidades ligadas diretamente as violências de trabalho e que repercutem em suas vidas pessoais e na qualidade de vida destas trabalhadoras.

Na história da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, nenhuma mulher negra ocupou cargos de decisão no gabinete. Este dado, por si só, evidencia um marcador importante de análise para a estratégia de segregação das

servidoras públicas em relação as ocupações de cargos e chefias de gestão. Apesar de ser um órgão público que atende a população pobre, periférica e negra, em nenhum momento foi dado a oportunidade destas profissionais demonstrarem seu conhecimento. Desta forma, para além da questão de raça, existe a questão de gênero, pois são anos de privilegiamento branco, especialmente dos homens, mantendo, assim, a subordinação racial administrada de forma desigual ao acesso a cargos e chefias de poder.

Buscar entender o racismo neste órgão público pode significar emergir as relações sociais demarcadas por uma estrutura que sempre naturalizou os comportamentos racistas, evidenciando um processo desumanizante dos corpos negros e de suas intelectualidades, atribuindo estigmas e estereótipos as servidoras públicas de Smads.

À vista dessas teorias, Silvio Almeida alerta para o quanto é imprescindível o debate sobre o racismo institucional e aponta para o avanço da discussão:

O conceito de racismo institucional foi um enorme avanço no que se refere ao estudo das relações raciais. Primeiro, ao demonstrar que o racismo transcende o âmbito da ação individual, e, segundo, ao frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais, não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre outro, mas de um grupo sobre outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional (2018, p. 29).

Os argumentos de pessoas racistas atravessam as narrativas dos negros sempre nesta lógica de que existe um excesso nas reivindicações da não discriminação. As teorias deocolônias (FANON) apontam que as teorias eurocentristas radicalizam no mundo todo ditaram o processo cultural das sociabilidades após a colonização, que legitima a desigualdade global e a mundialização capitalista como forma de perpetuação do poder junto a branquitude.

Mergulhada em descobrir as armadilhas do discurso baseado no eurocentrismo, entendemos as facetas da racialização, conceito que Faustino discute e explica sobre a fixação de atributos a determinados grupos raciais. Ou seja, a criação de estigmas e caricaturas, de estereótipos que cada raça constrói de si, para si, através das nomeações dos outros.

Segundo Faustino, estas facetas estão forjadas entre o político e o subjetivo.

O segundo aspecto da racialização é a interiorização subjetiva por parte do colonizador e por parte do colonizado dessa epidermização. É o momento em que os indivíduos deixam de se reconhecer mutuamente como reciprocamente humanos para ver a si e ao outro através da lente distorcida do colonialismo. A fantasmagórica e hierárquica contraposição binária entre branco X negro é assumida por ambos como identidades fixas e essenciais, moldando de forma empobrecedora a percepção de si e do mundo (2015, p. 52).

O debate sobre a racialização traz sentido à problemática das relações de trabalho entre brancos e negros na Smads porque são vários os impedimentos de conseguir ser uma profissional negra na administração pública. A trabalhadora é um ser constantemente vigiada e carregada, a todo instante, um certo marcador identificador que, só o fato de ser preta, ela é desclassificada como sujeita.

À vista disso, de fato, a história hegemônica tenta, a qualquer custo, apagar as potencialidades de negras e negros da construção social do Brasil como sujeitos de dignidade. E hoje, a sociedade, alienada, acredita na “fake-news” da falsa democracia racial onde somos miscigenados cordeais e iguais.

Consequente, escrever sobre o tema é dar visibilidade às servidoras públicas negras com possibilidade dessas vivências não acabarem no esquecimento. A proposta também é deixar registrado como o setor público consolida o racismo como ideologia operativa, colocando em movimento e legitimando o sistema opressivo e violento descritos por todas elas.

O combate a todas as formas de discriminação é um dos objetivos fundamentais do Brasil, cristalizados no artigo 3º, inciso IV, da [Constituição da República](#): “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. A proteção contra atos ou comportamentos discriminatórios ainda aparece em outros trechos da Carta Magna. O artigo 4º consagra o repúdio ao racismo como princípio das relações internacionais, e o artigo 5º declara a igualdade de todos perante a lei e enquadra o racismo como crime inafiançável e imprescritível.

A pauta do racismo institucional tira da invisibilidade a potência do povo negro. Analisar esta temática mostra-se muito importante para que evitemos análises apenas das filosofias brancas. A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a expressão, elas estão reivindicando o direito à própria vida.

A todos nós que amamos a negritude, que ousamos criar no dia a dia de nossas vidas espaços de reconciliação e perdão onde deixamos vergonhas, medos e mágoas do passado, e nós seguramos uns nos outros, bem próximos. Somente o ato e a prática de amar a negritude nos permitirá ir além e abraçar o mundo sem a amargura destrutiva e a raiva coletiva corrente. Abraçar uns aos outros apesar das diferenças, além do conflito, em meio à mudança, é um ato de resistência. Sou especialmente grata àqueles que me mantiveram bem perto; aos que me desafiaram a viver a teoria num lugar além das palavras. (HOOKS, 2019)

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo. Enciclopédia jurídica da PUC-SP. Celso Fernandes Campilongo, Alvaro de Azevedo Gonzaga e André Luiz Freire (coords.) 1. ed. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/92/edicao-1/racismo>

_____. Racismo Estrutural
https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf. Acesso em 14/10/2021

BRASIL. Constituição Federal do Brasil. Disponível em <http://www.planalto.gov.br>. Acessado em: 18 de outubro de 2021.

EURICO, Márcia Campos. Tecendo tramas acerca de uma infância sem racismo <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/47214/31980> (acesso em 01/06/2022)

EVARISTO, Conceição. Escrivência: A escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, 194 p.

FAUSTINO, Deivison M. "Por que Fanon? Por que agora?": Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2015, 260 p.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir – A educação como prática da liberdade. 1º Ed. São Paulo. Ed Martins Fontes. 2013

MARTINELLI, M.L, LIMA. N.C, MONTEIRO, A.A, DINIZ Rodrigo (orgs). A história oral na pesquisa em serviço social - da palavra ao texto. Ed Cortez.2020

PRESTES, C. R. S. (2013). Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras: resiliência em mulheres negras, transmissão Psíquica e pertencimentos. RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SOUZA, Sousa, N. S. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro, 1990